

Mulheres que hackeiam o Sistema

Fórum da Internet no Brasil - Manaus, 2019

Componentes da Mesa:

Ana Carolina Rodrigues (SP Legal Hackers - Moderadora)

Kamila Camilo (Fab Lab Livre - Setor Público)

Kimmy Wu (Youth Observatory - Relatoria)

Pollyana Rigon (Compasso - Setor Privado)

Raquel Saraiva (IP.rec - Sociedade Civil)

Tanara Lauschner (UFAM - Academia)

Informações básicas do Workshop

O painel Mulheres que Hackeiam o sistema possui o objetivo de trazer o debate relacionado à questão de gênero e à inclusão digital da internet, abordando o histórico das mulheres durante o desenvolvimento da internet, bem como se deu o processo de exclusão feminina no uso e desenvolvimento no ambiente da internet. O workshop debateu algumas razões para essa diminuição, buscando mostrar alguns “porquês” dessa - não - escolha e, em contrapartida, deu visibilidade a alguns projetos e movimentos que buscam mudar esse cenário e incluir mulheres no meio tech, com vistas a analisar e disseminar boas práticas.

O workshop contou com uma dinâmica a respeito da internet, e posteriormente com uma introdução da moderadora da mesa em relação a brecha digital. Logo após fala da moderadora cada panelista teve a oportunidade de compartilhar a respeito da sua perspectiva de desigualdade na internet e compartilhar os modos como interagem e trabalham para a diminuição dessa brecha.

O workshop teve como palestrantes Tanara Lauschner, representante da comunidade local e porta-voz do projeto Cunhatã Digital, desenvolvido no âmbito de suas atividades docentes na Universidade Federal do Amazonas; Kamila Ap. F. Camilo, líder de comunidade da rede Fab Lab Livre, uma iniciativa da Secretaria de Inovação do Município de São Paulo; Pollyanna Rigon Valente, membro da ISOC Brasil e desenvolvedora na Compasso, empresa gaúcha da área de T.I.; e Raquel Lima Saraiva, presidente do IP.rec e doutoranda em Ciência da Computação na Universidade Federal de Pernambuco. O painel foi moderado por Ana Carolina Rodrigues Dias Silveira, pesquisadora do Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação da FGV Direito SP (FGV-CEPI) e co-organizadora do SP Legal Hackers, movimento da sociedade civil. A relatoria foi realizada por Kimmy Wu, membro do Youth Observatory.

Estruturação do Workshop

O resultado alcançado durante o workshop foi a disseminação de projetos exemplos para transformar a internet mais igualitária e acessível para todos, compartilhando e “hackeando” o sistema de forma que as pessoas presentes fossem capazes de incentivar e fomentar novas iniciativas através das conexões realizadas durante o painel. O painel também permitiu dar o embasamento para os participantes em relação aos motivadores históricos para a brecha digital de gênero e quais os desafios que ainda persistem.

A brecha digital de gênero tem sido, nos últimos anos, uma das pautas centrais da agenda da Governança da Internet, sendo debatida em âmbito nacional, regional e mundial

nas agendas dos fóruns de Governança da Internet (Fórum da Internet no Brasil, LACIGF e IGF). Ante a falta de incentivo à utilização de dispositivos tecnológicos por mulheres e o seu acesso ao conhecimento por trás deles, é de grande utilidade pública discutir os motivadores e reflexos disso na atualidade. Dessa forma a desigualdade dentro da governança foi debatido durante o workshop através das redes de comunidades espalhadas dentro do país, que, apesar de distantes fisicamente, possuem o mesmo objetivo central de gerar oportunidades para meninas e mulheres dentro da internet e no ambiente tecnológico em geral

Durante a realização do workshop, utilizou-se a ferramenta Mentimeter para interação com a plateia, por meio do qual construiu-se uma nuvem com nomes de pessoas importantes para a internet, que reforçou o pressuposto do qual partiu idealização da mesa: mesmo diante de um público familiarizado com a agenda da governança da internet, o resultado da consulta ao público resultou em nomes de figuras majoritariamente masculinos (apenas 3 mulheres foram mencionadas pela plateia).

A exposição de conteúdo foi utilizando apresentações no projetor e para finalizar a proposta foram respondidas as perguntas da plateia presente no local.

Síntese dos debates

O painel foi iniciado pela moderadora da mesa que abordou a questão da brecha digital de gênero. Foi iniciado com uma dinâmica com o público, sendo perguntado “Quem está por trás da internet?”, e a partir do acesso a um site a audiência poderia responder os nomes, construindo assim uma nuvem de palavras com os nomes mais respondidos. O objetivo da dinâmica era criar uma nuvem em que seria possível analisar a quantidade de nomes e personagens masculinos em comparação com a quantidade personagens femininos. De fato, num universo de cerca de 40 nomes, apenas 3 eram de mulheres. Aprofundando na análise histórica da participação de mulheres na tecnologia, a debatedora trouxe o dado de que a primeira turma de ciências da computação da Universidade de São Paulo (USP), em 1974, possuía 14 mulheres e 6 homens, representando mais de 70% da classe de formandos. Porém esse cenário foi alterado e na turma de 2016, na mesma universidade, 35 eram homens e apenas 6 mulheres, sendo a presença feminina dentro da classe de aproximadamente 14%.

A apresentação de Tanara abordou primeiramente o cenário atual, mostrando em âmbito geral o desemprego no país, sendo essa taxa de 13%, e apesar da alta taxa de desemprego, o país conta com uma grande escassez de mão de obra dentro do mercado de programação. Concluindo que temos oportunidades dentro das áreas de computação, indiferente do cenário de desemprego, porém as mulheres não estão inseridas dentro no mercado. Para incentivar mulheres nas áreas de tecnologia, e incentivar a permanência das mulheres dentro da área, foi criado o programa Cunhatã Digital, que busca despertar o interesse de meninas do ensino médio e fundamental para as áreas de TI, enaltecendo que a área não é exclusiva para homens. Além do programa, Tanara também coordena o projeto Meninas Digitais, que atua dentro do Amazonas, mas com apoio de diversas instituições. Os projetos trabalham diretamente com as escolas, o que ajuda a cooperação de ambas as partes a aprender com os professores e alunos, quais as melhores práticas que captam a atenção das meninas.

Após a fala da Tanara, a palavra foi direcionado para a Kamila, tendo início contando a respeito dos seus princípios de atuação, dizendo que suas ações “nunca foram sobre o que eu faço, mas sim sobre quem eu sou”. Por meio dessa fala percebe-se o valor das interações do lado humano que é utilizado para abrir oportunidades dentro da área tecnológica. “Hackear” o sistema envolve mais do que a tecnologia em si, está relacionado a ativar as redes de contatos que possui visando o impacto que você quer atingir. Assim,

fazendo a explicação do paralelo com a sua vida profissional, ela entendeu que era necessário ir para o setor público para escalar seus projetos no nível que ela pretendia.

Raquel abordou também a questão da diferença entre homens e mulheres presentes em cursos de tecnologia, identificando e reforçando a fala da moderadora de que o motivo para essa brecha entre os gêneros está relacionado a uma questão cultural. As mulheres são incentivadas para trabalhos domésticos, enquanto os homens são incentivados para trabalhos voltados à engenharia. Essa brecha é perceptível não só nos cursos de graduação como na utilização da internet em si, sendo estimado pela UIT que haja 250 milhões a menos de mulheres online que homens. Outro ponto de vista que foi abordado é a diferença entre os gêneros dentro do mercado de trabalho na área de TI, em que os homens representam 68% e as mulheres 31.7%. E para trabalhar no sistema majoritariamente masculino, Raquel ajudou na fomentação do projeto Cintia, cujo grupo recria um ambiente amigável para compartilhamento entre as mulheres de ciência e tecnologia da informação.

A última palestrante a falar foi Pollyanna, trazendo uma perspectiva do dia-a-dia de mulheres no mercado de trabalho em TI. Ela trouxe abordagens comuns a essa rotina, citando comentários assediadores e hostis recebidos no ambiente de trabalho por ela e por colegas. Para concluir sua fala, Pollyana ressaltou que esse tratamento hostil, habitual no mercado de tecnologia, precisa ser objeto de debate dentro do Fórum, mas que além disso é fundamental que isso seja assunto também fora desses espaços e no dia a dia, de modo a desenvolver a sororidade entre as mulheres e a conscientização de toda a comunidade.

Conclusão

O painel abordou desde o histórico de mulheres na computação, abordando os fatores que vieram a diminuição da presença de mulheres na área tecnológica. Além de divulgar espaços de convívio em que mulheres consigam ser bem recebidas e que permita a troca de experiências sobre situações do dia a dia, negócios, trabalho, entre outras situações.

Diversos dados relacionados a educação e a separação das mulheres no meio tecnológico foi mostrado pelas panelistas de diversas regiões brasileiras, que serviu como apoio a fomentação de que independente da região há uma brecha clara entre as mulheres e os homens.

Com o principal objetivo de introduzir e apresentar para o público um painel e atividades que podem ajudar a "hackear" o sistema, o painel cumpriu o seu papel deixando aberto para que a audiência sentisse engajada e apta para a continuação das conexões entre redes de mulheres. A visualização clara de ter alcançado seu objetivo foi as diversas novas conexões entre os diferentes membros presentes no painel, incluindo homens e mulheres, que possuíam o interesse e vontade de ajudar na questão de gênero e à inclusão digital da internet.